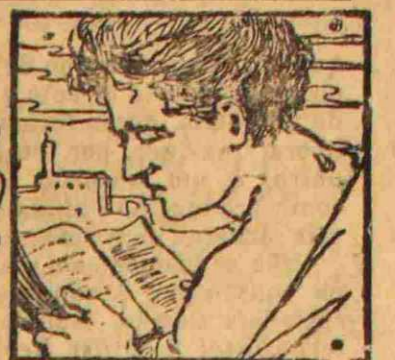




A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país, cresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO— Telo fone 73

Como são os politicos

A propósito ou a despropósito do «escamoteamento» dum officio do Senado, o parlamento português, esse grandioso monumento... de eloquência oratória, que já adquiriu fóros de prehistórico, ofereceu, a penúltima semana, um espectáculo singular que não pode nem deve passar despercebido aos revolucionários sociais. A sua gravidade é de tal ordem que ele presta-se ás mil maravilhas para fazeremos algumas considerações, demonstrando á massa ignara e suggestionada o valor intrinseco dos politicos parlamentares de opposição e de governo.

Um deputado da maioria, resabiado e colérico, os olhos fóra das órbitas, o corpo arqueado á laia de lutador de feira, os punhos crispados, a voz trovejante, coteto armado em atleta, gritou como um possessor que durante a sua vida de sincero republicano nunca supôs que haveria de assistir, em plena república proclamada numa radiante manhã de outubro, a actos vis e maus, a actos desonestos e ignominiosos, a actos degradantes e inconsequentes que eram apanágio exclusivo da crapulosa monarchia

E numa espécie de bimbalar sonôro, numa diapasão continua de palavras soltas ao acaso, explicou, por entre os aplausos dos seus correligionários em métodos e os risos sardónicos dos seus adversários em ideas, que nos bellos tempos idos, dissera ao povoinho que a república havia de liquidar de vez com todos os latrocinios e infâmias, com todos os abusos dos homens do poder, com todos os escandalos e com todos os pulhismos e canalhismos, para que o regime, pela sua moralidade e pela sua tolerância se impuzesse á consideração das gentes.

Isto disse e isto sustentou em toda a parte. Afinal constata agora que os erros continuam na mesma, que ha abusos inqualificaveis e injustificaveis que ninguem de bom senso e de caracter poderá aprovar.

Mais correctos e aumentados voltaram os antigos hábitos. O arbitrio parece que substituiu a lei. Os que se arvoraram em mandantes fazem o que lhes dá na gana, sem respeito nem consideração pelos direitos incontestaveis dos homens. Corre tudo á revelia. Onde está, portanto, a tam decantada sinceridade de processos?

Pondo de banda outras recriminações que fez o douto officio do exercito e deputado, e que no dizer dos correspondentes dos jornais diários foram violentíssimas, o que af fica, de sobra nos chega, para o nosso caso. Não somos intolerantes nem sectários. Mas quando se nos apresentam feitos como este não os devemos deixar passar em claro, para se avaliar não só a coerência destes pais da pátria, como a sinceridade das suas palavras.

Se o «escamoteamento» puro e simples dum officio embora no fundo escondesse uma questão política de interesse para o seu grupo parlamentar, — deu origem a que o deputado referido pronunciasse verdades tam duras, justo seria o desejar-se que o mesmo individuo, tam cioso da legalidade, se revoltasse ao menor atropelo cometido fosse contra quem fosse. A infâmia não deve ter guarida nos corações generosos e altruistas; e já que protestamos contra um acto que nos lesa, devemos igualmente protestar contra um acto idêntico que lesa os outros. Assim é que bate certo; e assim é

que a lógica não se parece com uma batata.

Mas no caso presente há um grande ensinamento. O protesto enérgico e vibrante do deputado referido foi apenas para armar ao efeito, para captar as simpatias dos que ainda não conseguiram penetrar no segrêdo dos bastidores da politica gem maldita. A sua seriedade apenas revela uma seriedade de partido, que não tem nem nunca terá o seu verdadeiro significado. Escalpelisou-se o escândalo porque ele partia de adversários politicos. Igual coisa não se daria, portanto, se os papéis fossem invertidos. A virtude dos politicos é assim posta em prática.

E a prova provada do que afirmamos, encontra-se no facto, alias conhecido de toda a gente, de que essa criatura tem assistido ás maiores infâmias cometidas dentro dos muros da sua querida república, sem que, até hoje, houvesse erguido a sua voz de protesto Ora co o quem cala consente, de af se pode inferir que essas repugnancias se tem levado a cabo com o seu tácito assentimento.

Quando Alfonso Costa commandou o seu ministério, perseguiram-se ferozmente os sindicalistas e os anarquistas. Chegou mesmo a dar-se-lhes caça como se fo sem feras. Contra todos os artigos e parágrafos da tam decantada constituição, prenderam e encarceraram os que puderam haver ás mãos, conservando-os nessas masmorras infectas longos e dolorosos meses.

Como crime imputavam-lhes somente o fazerem propaganda das suas ideas. As leis garantiam-lhes esse direito incontestavel; mas os governantes, é que não se importavam com semelhantes ninharias, e impunham a sua vontade acima delas. Imperava o terror... brando:—a legalidade marchára na integra para a sentina.

Muitos, para não sofrerem as agruras das enxovias, viram-se na dura necessidade de abandonar as suas familias e fugirem. Quantas lagrimas se derramaram? quantas dores se sofreram? quantas misérias se passaram? Só os próprios é que o sabem. E contudo eles não podiam, dentro da legalidade, passar por estes vexames. Propagandeavam as suas doutrinas, porque a expressão do pensamento é livre, segundo a letra da tal constituição.

A par disto, encerravam-se arbitrariamente associações e cooperativas, e parte do que lá existia desaparecia como por encanto. O arbitrio estava em acção na mais larga escala que conceber se pode.

Todavia o deputado e officio do exercito nunca protestou contra esse estado de coisas. Pelo contrario, auxiliava-o com o que podia. Eram os dele que mandavam e que procediam. O mot d'ordre cumpria-se á risca, não fosse ás vezes perder-se o conceito no animo dos chefes.

A corroborar no que afirmamos estão as declaracões dum célebre deputado e officio do exercito que descobriu uns misteriosos pós, alem doutras coisas imaginárias, quando passou uma busca á Casa Sindical. Com essas atoardas, pretendia o figurão, desculpar as arbitrariedades dos seus superiores na politica e no governo, e incutir nas massas o ódio e o rancor contra os que só pensavam emancipar das gargalheiras os seus irmãos do martírio e da desgraça.

Seria isto coerente? seria isto

lógico? Não. Este estado anormalissimo, estas perseguições e infâmias deviam ser combatidas com toda a força. Fez isso o deputado e officio do exercito, protestante da última hora? Não, nunea. Fechou-se em copas, que o mesmo é dizer, consentiu... e aplaudiu.

E agora, porque lhe estragaram o seu joguinho politico, toca a gritar, ó da guarda! ó da guarda!...

Que coerência e que seriedade a dos politicos de profissão!... No governo uma coisa; na opposição, outra.

Ingênuos trabalhadores que ainda acreditais nesses pantomineiros, ide vendo, se tendes os olhos abertos; e ide apreciando, se tendes cérebro para pensar.

Os politicos são á vossa ruína. Ai de vós! Se continuais a fiarvos nas suas palavras e nas suas pantomimeiras, estais perdidos... ALFREDO GUERRA.

O caracter da presente conflagração

A propósito da carta de Krapótkine ao professor Steffen, escreveu o camarada Fred. W. Dunn ao editor de Freedom uma carta da qual traduzimos a maior parte em seguida.

... Lendo a sua carta em confronto com o folheto Guerras e Capitalismo (edição portuguesa: Os bastidores das guerras) recentemente editado, escrito no começo de 1913, vemo-nos forçados a perguntar: «Que succedeu nos últimos dois anos que possa justificar tal mudança de opinião, levando o nosso camarada a contradizer os seus próprios escritos?» Caso anómalo, aqui estamos nós, anarquistas no pensamento, que sempre considerámos a guerra como uma feição nociva do capitalismo, a discutir a embrulhada da politica internacional e a comparar os governos uos com os outros para tentar provar que um governo, ou uma forma de despotismo, deve ser preferido a outro; ao passo que devíamos proclamar com insistência este facto (cito palavras de Guerras e Capitalismo): «A razão das guerras modernas é sempre a concorrência nos mercados e o direito a explorar... Defacto todas as guerras na Europa durante os últimos 150 anos foram empreendidas por uma vantagem industrial.» Devemos supor que esta guerra é uma excepção á regra?

A carta de Krapótkine nada prova a tal respeito nem dá indicações sobre a situação dos trabalhadores nesta emergência ou depois dela. Não faz efectivamente referencia alguma aos trabalhadores, deixando nos supor que esta guerra é uma «guerra de libertação» para eles, que os seus interesses são idênticos aos dos seus amos e do Estado, que a culpa desta terrível catástrofe cabe toda ao governo germânico e que as potências aliadas procedem absolutamente como cavaleiros andantes ou defensores da sua liberdade ameaçada. Trágico!

Continuo a pensar, de acôrdo com o folheto de Krapótkine, que esta guerra é apenas o ponto culminante da politica exterior dos governos europeus, sempre ditada por motivos comerciais, durante os últimos dez anos, e que são responsáveis todas as grandes potências, e não somente a Alemanha ou a Austria, e nós que lutamos por um mundo emancipado, não podemos ajuda-las a firmarem-se mais no mundo do comércio.

Que nos importa a nós que a Alemanha ande em busca de colónias e cubice as da França ou Inglaterra ou a Finlândia? Não pro-

cure ela fazer o que a Inglaterra tem feito? Esta deseja agora descansar sobre os seus loiros, com a sua presa mais ou menos segura. Vamos nós apoiar as potências que entraram numa luta de extermínio pra impedir que uma poderosa rival transfira para si os domínios da Inglaterra ou da Rússia? Parece-me que o nosso papel não é dizer quem deve dominar em certas áreas, mas pôr fim a qualquer dominação numa área qualquer. Vamos nós descriminar os vários graus de tirania? O próprio militarismo germânico existe como uma necessidade comercial. E ficarão a Inglaterra e a Rússia livres da tirania quando o militarismo alemão for varrido pelo militarismo triunfante dos aliados?

Krapótkine fala-nos agora da culpabilidade da Alemanha demonstrada pelos seus preparativos cuidadosos e deliberados, todos no intuito de esmagar a França; mas em Guerras e Capitalismo disseram-nos que: «Empenhada em conservar a sua supremacia nos mares, empenhada principalmente em reter as suas colónias para a exploração pelos seus monopolistas», a Inglaterra redobra de esforços para ter uma esquadra capaz de esmagar com certeza a frota alemã. Procura tambem por toda a parte aliados, afim de enfraquecer o poderio militar da Alemanha em terra.» (O itálico é meu).

Escreve Krapótkine em sua carta: «E no momento em que começaram a sentir-se fortes como potência marítima, os alemães conceberam a idea de destruir o poder marítimo da Grã-Bretanha, conquistar uma base sólida nas costas meridionais do canal da Mancha e ameaçar a Inglaterra com uma invasão.» Confrontai isso com o seguinte, de Guerras e Capitalismo: «Quando a imprensa inglesa semeia a inquietação e o terror, fingindo temer uma invasão alemã, bem sabe ela que não é nisso que está o perigo... A burguesia inglesa pretende fazer hoje, com a Alemanha, o que fez por duas vezes para deter, por cinquenta anos ou mais, o desenvolvimento da Rússia como potência marítima... E dai o vivermos alerta de há dois anos para cá, na previsão duma colossal guerra europeia, que pode estalar de um dia para o outro.»

Modificou-se desde então a situação? Não vejo tal: como anarquista, como internacionalista, continuo a ver nesta guerra uma luta pela supremacia comercial entre duas forças que esperaram durante anos a ocasião de cair uma sobre a outra.

Como diz Romain Rolland: «Vós, socialistas, de ambos os lados, pretendeis que andais a defender a liberdade contra a tirania — a liberdade francesa contra o Kaiser, a liberdade germânica contra o tsar. Trata-se acaso de defender um despotismo contra outro? Uni-vos e fazei guerra a ambos. Não havia motivo algum de guerra entre as nações ocidentais; franceses, ingleses e alemães, somos todos irmãos e não nos odiamos uns aos outros... Quem lançou sobre eles esses flagelos? Quem os levou a essa necessidade desesperada de esmagar o adversário ou morrer? Quem, senão os seus Estados?... O pior inimigo não está fora das fronteiras; está em cada nação; e nenhum tem a coragem de o combater.»

LEIAM OS POLITICOS.

OS FINANCEIROS E A GUERRA

A Social-democracia do kaiser

Falando do gesto heróico de Liebknecht, escreve Clemenceau, entre outras, estas palavras acertadas:

Quantas vezes não escrevi eu que a Social Democracia alemã, tam orgulhosa de poder contar os seus adeptos aos milhões, seria por isso mesmo arrastada a seguir com docilidade as grandes correntes vindas da vontade imperial, porque se é dado alguns idealistas puros encerrarem-se irredutivelmente na sua fé, a massa tem demasiadas raízes na mediocridade do dia para se arremessar até aos cimos dum heroísmo puramente desinteressado. E' em detrimento de partes de ideal que a acção politica, atolada no empirismo do facto inevitável, aumenta em extensão e em profundidade.

Também nós dissemos isso muitas vezes, embora de maneira menos unilateral. Um partido verdadeiramente revolucionário deve ser antes de tudo um partido de acção, de iniciativa, de exemplo, e agir principalmente como fermento da massa, procurando educá-la e agitá-la. O parlamentarismo é que deu á social-democracia a exclusiva preocupação do número, levando-a a tomar, a arrebanhar a massa tal como é, além de corromper os dirigentes ou de os recrutar já corrompidos, já tarados de burguesismo e nacionalismo.

Resultado? Fala ainda Clemenceau:

Gritaram: Viva o kaiser! Esses revolucionários que mudavam e face do mundo em posições contrárias de metafisica social, mas que foram abaixo ao primeiro contacto com a realidade viva. Gritaram, no desvirtuo do medo, como o naufrágio, em sua última tábu, lança uma invocação de queda suprema as potências desconhecidas que, momentos antes, não tinham a sua homenagem. Gritaram e o Oceano tornou a cerrar-se sobre eles. Acabou-se. Tudo o que deles representava um elemento de autoridade moral desapareceu. Mais tarde, hão de encontrar-se talvez, entre grandes destroços, cadáveres dardos á costa. Algum sábio doutor poderá recuá-los, galvanizá-los, dar-lhes as aparências da vida. Mas cairão em pó ao primeiro contacto com os vivos.

Já indicámos aqui manifestações características e assombrosas dessa miserável falência. Mas citemos ainda a visita de honra feita pelos generais do kaiser á Bolsa do Trabalho de Berlim! Mais: tendo o Vorwärts publicado que certos actos de atrocidade imputados aos Aliados tinham sido reconhecidos como inexactos, o órgão central social-democrático foi publicamente censurado pelos seus correligionários, visto que «assim desculpava, em geral a conduta do inimigo». E quem assinava a acta da censura? O secretário da comissão das uniões operárias alemãs!

Verdade é que a social-democracia descobriu... desde Marx a famosa capa da defesa da «liberdade alemã» ou da «civilização germânica» contra a autocracia e a barbaria russas. Sob as ordens do kaiser, que ajudara a esmagar a revolução russa, oferecia-se para libertar o povo russo, judeu, polaco e finlandês, assim como o turco se oferece agora para libertar a Geórgia! Espectaculo comovedor! Toda essa gente por af fora se bate generosamente pela liberdade de outrem!

Os socialistas russos responderam muito bem que aceitariam a ajuda dos seus camaradas alemães no seu movimento revolucionário, mas não esperavam a sua libertação do militarismo prussiano, fortalecido pela social-democracia (resposta dada a Troelstra, deputado social-democrático holandês). O mesmo responderam os finlandeses, os georgianos e os outros, confiando todos apenas no seu próprio esforço para a con-

quista de cada pedaço de liberdade. A imposição directa e violenta da liberdade, duma forma política liberal qualquer, por um Estado a outro, é um absurdo, pois seria contraproducente—ainda que fossem sinceras as promessas. . .

Não acabemos sem uma pequena consolação. Anton Pannekoek, socialista alemão, escreve na *International Socialist Review*:

O verdadeiro tipo duma guerra imperialista reconhece-se por isto: Não irrompe por causa dum objectivo particular, mas provém dos antagonismos gerais dos Estados. Tais antagonismos estão radicados na concorrência para conquistar ou defender a supremacia mundial, e esta luta pela hegemonia não é senão a luta de cada país para obter para os seus capitalistas colonias, contractos, esferas de influência e ocasiões favoráveis para emprégo de capitais na Ásia e na África.

Cada país se sentiu por muito tempo ameaçado por outros, porque todos faziam preparativos hostis uns contra os outros. D'alí o imaginar-se cada um deles atacado pelos outros. . . Todos os alemães creem com granítica firmeza que estão apenas empenhados numa guerra de defesa contra um impudente assalto da Rússia; em França e Inglaterra, fala-se da insaciável sede de domínio da Alemanha, que desejaria conquistar a Europa. Ao mesmo tempo cada país cuida que está a proteger a civilização ou qualquer outra coisa sagrada contra os bárbaros estrangeiros, embora na realidade todos estejam a igual profundidade enterrados na barbárie capitalista, que implica-cavelmente sacrificia riquezas e vidas humanas á supremacia mundial e aos interesses dos capitalistas.

UMA CARTA

O camarada Luiz Magrassi, a quem as ideias libertárias e a organização operária na Argentina e no Brazil devem cerca de vinte anos de intelligente e frutuosa actividade, escreveu de Buenos Aires a um nosso camarada uma carta sobre os acontecimentos actuais, da qual extrahimos uma passagem como indicação de que pensam nesta emergência os nossos camaradas da Argentina.

Envio-te algumas revistas e jornais. Por eles poderás fazer uma ideia do que aqui se pensa a respeito da guerra e das consequências desastrosas que nos trouxe, como aliás a todo o mundo. Aqui contam-se por centenas de milhar os desoccupados, e a maioria dos que tem occupação, ou lhes foi baixado o salário, se são pagos por mês, ou trabalham apenas meio dia, se são jornalheiros.

... A propaganda, apesar de tudo, não vai mal. *La Protesta* (1) agora está bastante bem.

O que lamento é que muitos camaradas europeus (2) e alguns daqui, poucos felizmente, tenham perdido a cabeça com a maldita guerra. Tu sabes que eu não sou dos mais intransigentes; sou, porém, dos que pensam que estão em grave erro aqueles d'entre os nossos camaradas que pegaram em armas para defender a Triple Entente (3). O nosso único papel no momento era apontar ao povo a razão das nossas predicas contra o militarismo e a paz amada; que o inimigo da civilização não são os alemães, por muito selvagens que se tenham mostrado, mas sim o militarismo, o Estado e todas as suas instituições. Não devemos sojar as mãos sob o pretexto de defender a liberdade, a qual, contra o que diz Krapótkine, não é representada pela França nem pela Inglaterra, apesar do seu veniz democrático. Juízo que a base da nossa doutrina, o fundamento dela, é o internacionalismo, único meio de assegurar a paz e de nos conduzir á fraternização dos povos, e isso não se conseguirá fortalecendo com o nosso apoio qualquer nação ou grupo de nações, constituídas sob o domínio burgueses. Se é verdade que os socialistas alemães não cumpriram o seu dever, isso não justifica que nas outras nações façamos o mesmo.

(Buenos Aires, 23-11-1914)

(1) *La Protesta*, como toda a imprensa anarquista que temos visto, combate a atitude de Krapótkine.

(2) Os camaradas que, ao menos momentaneamente, abandonaram o critério anarquista são em todo caso uma pequena minoria.

(3) O pior não é ceder a esse impulso, em silêncio; é, pegando ou não em armas por um Estado, procurar teorizar esse acto sentimental, defender e espalhar a contradição e o confusãoismo, chegando alguns a ridicularizar as fórmulas e os dogmáticos como costumam fazer os mais vulgares transfugas.

Os socialistas italianos e a guerra

O *Seculo*, aquela poderosa alavanca do progresso que vê diariamente a luz da publicidade ali para as bandas da antiga rua Formosa, não se contenta já com convencer-nos de que o povo português arde de impaciencia por verter o seu sangue pela causa dos aliados. Deu-lhe agora para nos impingir que o povo italiano pede em côro a guerra como as crianças pedem emulsão de Scott.

Nem ao de leve toca na opposição tenaz que as organizações operárias tem feito desde o começo da guerra á intervenção da Itália, opposição de resto bem conhecida e claramente definida em moções insofismaveis e que até em Portugal foram reproduzidas pela nossa *Aurora*.

Tampouco se refere á attitude altivamente intransigente que, em face da guerra, os anarquistas italianos tem sabido manter. E apenas, para que a coisa não seja muito calva, fala da attitude do partido socialista, nos seguintes termos:—

«É certo que os chamados socialistas officiaes ou revolucionarios pregam, no seu órgão, o *Avanti*, a neutralidade absoluta; mas tambem é certo que hoje, em Itália, toda a gente percebeu que os socialistas do *Avanti* nada mais querem do que proclamar, com a manutenção da neutralidade absoluta, a falência dos partidos burgueses, e, assim, atingir em cheio o proprio regimen. . . .

No entanto, porque a sua estranha attitude é essencialmente politica, á sua acção não corresponde a opinião popular e até uma forte minoria dos mesmos socialistas officiaes ou revolucionarios.

Benito Mussolini, por exemplo, que ainda ha pouco era director do *Avanti*, abandonou o seu cargo para fundar o *Popolo d'Italia*, onde, penitenciando-se dos seus erros (Mussolini chegou, por disciplina partidaria (1), a aconselhar a neutralidade), defende agora, com brilho, a immediata colaboração da Italia com as nações da Triple-Entente.

Benito Mussolini, um lutador com larga folha de serviços, ardente e apaixonado, com indiscutivel influencia nas massas proletarias, foi expulso do partido. É verdade. A sua corajosa attitude marcou, porém, uma cisão grave no partido socialista officiaes e intensificou, entre o operariado, o movimento de opinião, que se agita em toda a Italia, em prol da guerra á Austria.

«A luta—diz Mussolini num dos seus artigos, na sua prosa bárbara, escrita sem arrebiques, com a energia nervosa dum autentico revolucionario—é entre a Liberdade e a Reação. O dever indeneavel de todo o socialista, que não é hipócrita, medroso ou estúpido, é combater pela liberdade.»

É claro que nós não temos procuração do *Avanti*, órgão do partido socialista italiano, para o defendermos dos parvos ataques do *Seculo*; mas o que é inegavel é que o *Avanti* combatendo á intervenção da Itália na guerra envereda pelo unico caminho compativel com o ideal socialista que se propôz defender, honrando assim, no meio da derrocada do socialismo legalista e parlamentar, o partido que representa.

Quanto a Benito Mussolini, esse lutador ardente e apaixonado, em quem o *Seculo* tanto aprecia agora a prosa barbara, escrita sem arrebiques, com a energia nervosa dum autentico revolucionario, ponhamos as coisas nos seus logares e esclareçamos um pouco. . . .

Em primeiro lugar não é verdade que Mussolini aconselhasse a neutralidade por disciplina partidaria. Até certo ponto admite-se que Mussolini, sendo partidário da intervenção armada da Italia não a aconselhasse e se calasse para não levantar conflitos no seio do partido; e já é admitir muito. . . .

Mas não foi isso o que se leu. Mussolini não se calou, e até mediados de outubro foi elle o mais activo e denodado propagandista da neutralidade de Italia. No momento de maior perigo para a França, quando os alemães estavam a dois passos de París, dizia Mussolini no *Avanti*:—«Trabalhadores italianos! aqueles que vos empurram para a guerra, atraçom-vos.»

E por essa mesma data, em passagens já transcritas pela *Aurora* mas que não resistimos á tentação de transcrever de novo, dizia elle:—

«Os governos burgueses procuram lançar sobre os respectivos inimigos a tremenda responsabilidade prim-ira do conflito. Tudo isso é artificial, é mentira. São elles os responsaveis solidariamente e solidariamente deverão responder por elle perante a historia. . . . As responsabilidades primas e fundamentais da guerra remontam ao actual sistema capitalista, baseado sobre as rivalidades internas das classes, externas dos Estados. . . . O Partido Socialista confirma altamente a existencia duma antítese profunda

e insanavel entre guerra e socialismo, pois que, prescindindo de outras razões formidaveis, a guerra representa a forma extrema, por ser forçada, da colaboração de classes.

(Do manifesto *Contra a guerra*, de 22 de Setembro).

Se, apesar da nossa tenaz opposição, a guerra vier, sofrela-hemos como a manifestação duma força brutal que fomos incapazes de vencer, mas a despeito disso não desarmaremos jamais, jamais nos confundiremos com os nossos inimigos, pois só com essa condicão será possivel retomar amanhã a nossa guerra.

A guerra não suprime só os partidos: aniquila os individuos. O Estado apropria-se dos individuos, como requisita os quadrapedes. O homem deixa de ser, de sentir, de pensar; quem existe, sente, pensa por elle e o Estado. . . . O proletariado pede a sua autonomia de classe e o ultimo resíduo de liberdade, e perde o direito de escolha. . . . É terrível mas é tambem inaudito que subversivos desejem esta abolição da individualidade e da liberdade, isto é, desejem que o homem volte a ser uma pobre coisa submetida ao arbitrio dum poder criminoso e absurdo.

Seria por disciplina partidaria que Mussolini faria estas declarações? E' preciso realmente que se seja dotado do descaramento e da má fé do *Seculo* para fazer semelhante afirmação!

E quanto ao *Popolo d'Italia*, novo órgão de Mussolini, é conveniente saber se que, segundo afirma o proprio director, se trata de uma especulação industrial, com capitais burgueses! capitais que de resto Mussolini não teria obtido se não tivesse mudado de opinião sobre a guerra, combatendo o seu proprio partido.

Que contentes nos sentimos com os insultos do *Seculo*! Que Deus ou o Diabo nos livrem dos seus elogios. Safal. . . .

A. Q.

O batalhão dos lojistas

A direcção da Associação Commercial de Lojistas, de Lisboa, votou uma moção guerreira caricatural, que serve para mostrar melhor a falsidade de certos argumentos, como as caricaturas mostram melhor certas feições dos homens. Vejamos alguns considerandos.

Considerando que a tremenda convulsão da guerra europea, que neste momento se desencadeia, exige o sacrificio de todos os povos para a sua mais rápida solução;

Considerando que esse sacrificio se traduz a humilhante aspiração de uma paz duradoura, pelo aniquilamento do imperialismo, fonte de todas as ambições, de todas as violencias, de todos os perigos sociais. . . .

Assim separados, não estão mal. . . Com efeito, o imperialismo, desenvolvido primeiro pela Inglaterra e pela França, mais tarde pela Alemanha, que chegou com bastante atraso e encontrou quase tudo occupado, e ainda pela Rússia que se sente com appetite e robustez para continuar, é preciso que desapareça, para bem da paz e do progresso.

E para isso, o «sacrificio de todos os povos» seria bem empregado, ficando aliás muito aquém da horrivel hecatombe presente, se se traduzisse numa revolução que arrancasse o imperialismo pela raiz, suprimindo o Capitalismo e os Estados.

Mas é que, para esses lojistas imperialistas é só o alemão! Que raio de significação darão elles a tal palavra? Assim, dizem:

Considerando que sob a mesma bandeira da liberdade, sob o mesmo lema da justiça, a França, a Inglaterra e a Rússia, numa aliança forte, procuram no campo de batalha abster para sempre o predomínio do militarismo na Europa;

Considerando que as essas tres grandes nações, orgulho da civilização e do progresso, outras se tem unido no mesmo intuito generoso. . . .

Três potencias militaristas e imperialistas, que lutam para conservar e alargar o seu dominio colonial, commercial e politico, apresentadas gravemente como campões da liberdade e da justiça, pugnando generosamente pelo aniquilamento do monstro militarista! A Rússia, orgulho da civilização e do progresso!

Vem depois os já batidos considerandos sobre o dever e a necessidade da intervenção de Portugal. Entre elles, vem a afirmação de que os politicos portugueses asseguram ter a Inglaterra convidado Portugal a cooperar na guerra; mas é bem conhecida a campanha do sr. Brito Camacho, que garante não ter havido tal convite, fantasiado pela gente empenhada numa aventura perigosa.

Enfim: por amor das colónias e mais da liberdade, assim como—ail não!—na esperança de «um futuro compensador, de expansões legitimas e de progressos garantidos»,

tanto mais que o comércio português confraternizou com o comércio inglês, os lojistas lisboetas pedem guerra como pão para a boca; mas é guerra feita, está claro, com a pele dos outros, com a pele dos pobres trabalhadores, arrancada aliás de vários modos. . . . Não falam em constituírem elles um batalhão voluntario, que havia de ser cômico, todo de bacalhoitros ventruados. Pelo contrario: rirão do barrigudo Alpoim, que tóia gente troça sem lhe aceitar o conselho, e ficarão palitando os dentes.

Ameixas, só de conserva. . . .

A' MARGEM

Filosofia de pé quebrado . . .

O camarada que no *Agitador* tem a seu cargo a secção *Ecce e opinões*, escrevia no ultimo número, não sabemos a proposito de quem:

«Nova filosofia. Após a descoberta do sindicalismo se basta a si proprio, surge nova definição da acção sindicalista: Como homem sou anarquista, como trabalhador sou sindicalista. Esta filosofia de pé quebrado, só de cerebros doentes. Como se concebem o dividir o homem do trabalhador? Tem graça e não offende. Ora, valha-os um burro aos coices. . . .»

Nunca pertencemos ao número daqueles que para justificar qualquer afirmação de principes, ou para demonstrar o erro de qualquer adversario ou contendor, esgrimem uma linguagem digna de outra gente; mas, tambem, sempre que se nos deparam adversarios que se servem de tais processos como arma ofensiva ou defensiva, respondemos-lhes com o supremo desprezo.

Posta a questão nestes termos vejamos a nosso individual modo de ver, de que lado está a razão. Não se concebe dividir o homem do trabalhador?

Analisemos:

Um camarada passa em determinado sitio e a matulagem assalariada e açalada pelo cacique local, representante legitimo do politico profissional, cobre com os mais degradantes epitetos que conceber se possam entre fera sanguinaria, malfetor perigoso, particida, saltador, etc., pelo simples facto desse camarada, com a propaganda anarquista, ter impedido os seus secretos designios.

Quem é o ofendido? O trabalhador ou o homem?

Indiscutivelmente o homem, o anarquista.

O camarada sente-se offendido na sua dignidade, em consequencia da doutrina que propagandea.

O camarada é escravo do industrial, contrata com elle como assalariado, como trabalhador. Na officina, fabrica ou atelier trabalham outros assalariados. Invocando qualquer futilidade, o explorador insulta-o chamando-lhe mau operario, maudrião; e, por esse facto despede-o.

Quem é o ofendido? o homem ou o trabalhador?

Evidentemente o trabalhador, o assalariado.

O que não se concebe, o que não se admite, é que o trabalhador pelo simples facto de o ser, perca a personalidade, isto é, que se transforme num órgão com uma unica e exclusiva função como que se agisse sob o imperio das leis biologicas.

E agora perguntamos nós, pois podemos estar erro, o que se é lamentavel não é humilhante:

O homem cuja missão atravéz da existencia é delicada perde a individualidade quando passa a ser trabalhador? O homem social é, em substancia, o homem biologico? A missão do trabalhador mistura-se, liga-se, une-se por laços indissolueis e indestructiveis á missão do homem, do individuo, por tal forma que jámais se possam separar uma da outra?

O trabalhador só porque o é, perde a personalidade moral?

Se assim é, francamente o confessamos, temos laborado num lamentavel erro; e reconhecido ficaremos a quem pelo seu muito saber e experiencia da vida nos illicide convenientemente. Enquanto porém nos não evidenciarem o equivoco em que permanecemos,

continuaremos a ser, como o autor da filosofia de pé quebrado, como homem anarquista, como trabalhador, sindicalista.

Para fundamentar esta nossa opinião, baseamo-nos no que do anarquismo e sindicalismo temos assimilado.

A anarquia e o idial, é, por assim dizer, a nossa mais elevada aspiração; o sindicalismo é o meio de que nos servimos, é o método mais apropriado para a luta de classes, é, numa palavra, para a anarquia o que o braço é para o cerebro: é o movimento determinado pelo pensamento.

Al amico Branchi

Em o n.º 238 de *Tierra y Libertad* de Barcelona, vem publicada uma carta a desfazer más impressões, assinada pelo camarada Branchi Luigi, a proposito da participação na guerra dos anarquistas italianos. Até aqui nada ha que mereça reparos; mas o camarada Branchi, ao finalizar a missiva innumera os periódicos que em Italia fazem propaganda contra a guerra, e para a sua leitura chama a atenção de um camarada andaluz e dos camaradas da *Aurora*. Ora na *Aurora*, salvo erro, fomos nós apenas quem se referiu aos *subversivos guerraioli e guerrafondaí* que eram ou se diziam anarquistas. Mas, valha a verdade, nós nunca supozemos que os amigos de Malatesta fossem dos que pregava a num manifesto a necessidade da participação na guerra, e nem tal, nem coisa parecida, dissemos ou insinuamos.

Está, pois, quanto á *Aurora* equivoocado o camarada Branchi; e sendo como é, seu leitor assiduo deve ter visto que a *Aurora* tem publicado inumeros artigos traduzidos dos jornais que cita.

Compreende, Branchi Luigi!

GIORDANO BRUNO.

Coisas historicas

28 1912 — Realiza-se em Londres uma conferencia nacional dos marinheiros, conferencia que tinha por fim tomar em resolução de interesse para a respectiva classe.

30-1778 — Nasce Davy, notavel quimico ingles a quem se devem importantes descobertas scientificas.

30-1896 — E' fusilado no campo de Bagunbayan, Manila (Filipinas) o grande escritor José Rizal. Foi vítima das intrigas e das canalices das gentes católicas e Jesuiticas.

31-1892 — Em Londres publica-se o primeiro número dum semanário anarquista com o titulo, *O Sino*.

JANEIRO

1-1919 — Efectua-se em Lisboa uma grande manifestação de protesto contra os atropelos de que foram vítimas os operários de Cullera (Espanha).

2-1912 — Os corticeiros de Almada votam a greve geral.

3-1901 — Por causa da propaganda das suas ideias, o Czar deporta para a Sibéria 35 socialistas revolucionarios de Varsóvia. . . .

Centro e Biblioteca de Estudos Sociais

No penultimo sabado 26 de Dezembro, realizou-se pelas 22 horas, a anunciada assembleia geral deste Centro para nomear a comissão administrativa para 1915 e resolver diversos assuntos, á qual presidiu o camarada Ilidio J. de Freitas, secretariado por Florindo d'Almeida e Deolindo Ferreira.

Ficou nomeada a seguinte Direcção: Camilo Rodrigues (Secretario) Americo Batista (tesoureiro) Ilidio José de Freitas, José Rodrigues e Joaquim Delim Ferreira (vogais)

Tambem, entre diversos assuntos, foi resolvido ceder a mobilia pedida pelo Centro I. Propaganda Libertaria. E por ultimo, varios camaradas salientaram com palavras de inteira justiça a grande dedicacão que Francisco Ferreira de Souza vem dispensando ha anos ao Centro B. E. Sociais.